

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS VII – CODÓ/MA
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/HISTÓRIA

AS REPRESENTAÇÕES DA ESCRAVIDÃO NOS ANÚNCIOS DO JORNAL O
PUBLICADOR MARANHENSE NO ANO DE 1842.

VANDO SERGIO DE MORAIS

Codó/MA, 2018

VANDO SERGIO DE MORAIS

AS REPRESENTAÇÕES DA ESCRAVIDÃO NOS ANÚNCIOS DO JORNAL O
PUBLICADOR MARANHENSE NO ANO DE 1842.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do
Maranhão – UFMA, Campus VII – Codó,
como parte dos requisitos finais para a
obtenção do Grau de Licenciado em
Ciências Humanas/História.

Orientador. Prof. Dr. Dilmar Kistemacher

Codó/MA

2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

MORAIS, VANDO SERGIO.

AS REPRESENTAÇÕES DA ESCRAVIDÃO NOS ANÚNCIOS DO JORNAL O PUBLICADOR MARANHENSE NO ANO DE 1842. : AS REPRESENTAÇÕES DA ESCRAVIDÃO NOS ANÚNCIOS DO JORNAL O PUBLICADOR MARANHENSE NO ANO DE 1842 / VANDO SERGIO MORAIS. - 2018.

43 p.

Orientador (a): Dr. Dilmar Kistemacher.

Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, CODO-MARANHÃO, 2018.

1. Anúncios. 2. Economia. 3. Escravidão. 4. Relações sociais. 5. Representações. I. Kistemacher, Dr. Dilmar. II. Título.

VANDO SERGIO DE MORAIS

AS REPRESENTAÇÕES DA ESCRAVIDÃO NOS ANÚNCIOS DO JORNAL O
PUBLICADOR MARANHENSE NO ANO DE 1842.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do
Maranhão – UFMA, Campus VII – Codó,
como parte dos requisitos finais para a
obtenção do Grau de Licenciado em
Ciências Humanas/História.

Orientador. Prof. Dr. Dilmar Kistemacher

Codó/MA, _____ / _____ / _____

Banca examinadora

Prof. Dr. Dilmar Kistemacher - orientador
UFMA – CAMPUS VII - CODÓ

Profa. Dra. Liliane Faria Corrêa Pinto
UFMA – CAMPUS VII - CODÓ

Prof. Dr. Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly
UNIVERSIDADE DE ASSUAN

AGRADECIMENTOS

Em primeiro agradeço ao nosso altíssimo senhor Deus, por todas as aprovações vencidas.

A todos os meus familiares que acreditaram e me deram o apoio necessário.

A todos os professores do Curso de Ciências Humanas pelo conhecimento repassado e as trocas de experiências adquiridas.

Ao meu orientador e facilitador de conhecimento, Dr. Dilmar Kistemacher pela sua paciência em orientar, colaborar e me motivar impulsionando ao avanço do meu crescimento acadêmico e humano.

A todos os servidores do quadro da UFMA VII - Codó, que sempre me respeitaram e prestaram um bom serviço a nossa instituição.

*“A leitura de todos os bons livros é uma
Conversação com as mais honestas pessoas
Dos séculos passados”.*
René Descartes

RESUMO

Este trabalho pretende analisar os anúncios do Jornal o Publicador Maranhense no ano de 1842, onde iremos analisar as representações escravistas e as relações sociais exercidas entre senhores e escravos, dentro das 46 edições que são divididas 4 sessões a qual constam os anúncios oficiais e políticos e os de venda, compra, aluguel e fugas de escravos. O jornal segue um modelo padrão em suas edições, por isso iremos fazer uma busca minuciosa dos sinais por trás de cada anúncio ultrapassando os cunhos políticos e econômico entrando nas relações sociais através dos sinais intrínsecos em cada edição e sessão do referido ano, para melhor compreendemos como se deu essas relações sociais e como elas eram exercidas de forma a nos permitir entender e compreendendo como foram formadas as relações sociais existente. Tendo como base e fundamentação teórica a obra de Gilberto Freyre, O escravo nos anúncios de jornais brasileiros no século XIX.

Palavras chaves: representações, anúncios, escravidão, relações sociais e econômicas.

This work intends to analyze the announcements of the Jornal Maranhense Publishing House in the year 1842, where we will analyze the slave representations and the social relations exercised between masters and slaves, within the 46 editions that are divided 4 sessions which include the official announcements and politicians, and the sale, purchase, rent, and slave escapes. The newspaper follows a standard model in its editions, so we will make a thorough search of the signs behind each ad overcoming the political and economic imprints entering the social relations through the intrinsic signs in each edition and session of that year, to better understand as if his gave these social relations and how they were exercised so as to enable us to understand and understand how the existing social relations were formed. Based on theoretical basis and the work of Gilberto Freyre, *The slave in Brazilian newspaper ads in the nineteenth century*.

Keywords: representations, advertisements, slavery, social and economic relations.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de Anúncios de escravos pesquisados.....	22
Tabela 2 – estatística populacional da União no fim de 1840.....	23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OS ANÚNCIOS DE COMPRA, VENDA E ALUGUEL DE CATIVOS	25
3 ANÚNCIOS DE ESCRAVOS FUGIDOS	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXO	44
Fonte: Tabela do Grupo de Estudos e de Pesquisa Literatura, História e imprensa – GEPELHI, Coordenadora profa. Dra. Cristiane Tolomei, UFMA/Bacabal.	43

1 INTRODUÇÃO

A escravidão é alvo de muitas discussões no processo histórico e, ao mesmo tempo fonte de estudos para compreensão das relações sociais e econômicas ao longo dos séculos.

Esta pesquisa fala sobre os anúncios de escravos nos jornais do *Publicador Maranhense* (MA), especificamente no ano de 1842, no século XIX. O *Jornal Publicador Maranhense* foi fundado em julho de 1842, seu proprietário o senhor Ignacio José Ferreira e como redator o senhor João Francisco Lisboa. O Jornal era um órgão oficial do governo provincial. Ele tinha três edições por semana até o ano de 1862, quando passou a ser diário. Diante da conjuntura política que caracterizou o Império, durante o século XIX, o *Jornal Publicador Maranhense* publicava sobre aspectos políticos, econômicos e mercantis.

O meu primeiro contato com os acervos digitais se deu através das orientações da Professora Dra. Liliane Correa, a qual em orientações sobre a temática a ser trabalhada de início escolhemos o jornal como fonte, e partimos para coleta de dados através de leituras dos periódicos e fichamentos dos mesmos relacionadas as representações da escravidão. A escolha do tema não foi meramente de forma informal de escolhas como opção, mas sim um interesse investigativo da história dos anúncios, e sobre a fundamentação teórica não foi muito difícil de encontrar pois o autor Gilberto Freyre, como um dos pioneiros a abordar as representações escravista desde sua obra *Casa-Grande e Senzala* e posteriormente anúncios de escravos nos jornais brasileiros nos possibilitou a busca por essas questões.

Diante do exposto senti uma necessidade de buscar dentro da história através dos anúncios as evidências, traços das falas, rastros deixados através dos sinais representados nos anuncios e buscar algo mais, além dos interesses dos anunciantes, e sim instigar nas entrelinhas das citações jornalísticas, pois a primeiro momento pode até parecer uma tarefa fácil buscar fontes prontas e acabadas em acervos digitais, mais para isso tem todo um preparo, desde ao manuseio dos acervos a uma

busca microscópica das questões em evidências a serem debatidas e discutidas, todo um ensaio com suporte e arcabouço teórico de vários autores que a serem discutidos e trabalhados durante o desenvolvimento da pesquisa sendo o aporte necessário para de muitas leituras do jornal.

Após a escolha da fonte a ser trabalhada, tracei uma busca incessante junto com meu orientador Professor Dr. Dilmar Kistemacher que a priori fez uma releitura do meu tema e assunto a ser estudado e me indicou como fonte de estudo a obra de Paulo Roberto Staudt Moreira, “FACES DA LIBERDADE MÁSCARAS DO CATIVEIRO, com seus conceitos historiográficos da história das cartas de alforrias, diante encontro com as obras dos autores mencionados foram surgindo a necessidade de um maior arcabouço teórico e que nos enveredou nessa pesquisa.

Diante a necessidade da buscar incessante das fontes jornalísticas informações do passado para compreensão das relações sociais e das representações escravistas nelas expressas, não poderíamos deixar de fazer ponte as relações regionais locais de Codó-MA.

O ano de 1780 marcou o início do povoamento de Codó. Sua economia era baseada em atividades agrícolas desenvolvidas por portugueses e senhores da aristocracia rural maranhense. Um dos primeiros exploradores foi o agricultor Luís José Rodrigues e o português Francisco Marques Rodrigues. O povoamento também teve a participação de escravos africanos que trabalhavam nas lavouras, índios Barbados e Guanarés e de imigrantes sírios e libaneses.

No período colonial, Codó destacou-se pela produção de algodão, tendo êxito na participação do processo de industrialização do Maranhão. A primeira indústria do município foi construída em 1892 e chamava-se Companhia Manufatureira e Agrícola, de propriedade de Emílio Lisboa, que posteriormente teve seu monopólio passado para Sebastião Archer.

Surgiram várias colônias, criadas tanto pela iniciativa e investimento do poder público como particulares. Também com colonos portugueses e localizada a oeste de Codó seria fundada, em abril de 1854, a Colônia Petrópolis. Neste caso, foi uma iniciativa do governo provincial. Desapareceu essa Colônia por não haver Francisco Marques Rodrigues cumprido o acordo firmado com o Governo Provincial que o obrigava a trazer 200 imigrantes, e só trouxera 67. O povoado de Codó foi elevado à categoria de vila por meio de Resolução Régia, assinada no dia 19 de abril de 1833, o que foi confirmado pela Lei nº 7, de 29 de abril de 1935. Foi elevada à categoria de cidade por Lei estadual nº13, de 16 de abril de 1896, sancionada pelo Governador, Dr. Alfredo da Cunha Martins.

No período colonial Codó destacou-se pela produção de algodão, tendo êxito na participação do processo de industrialização do Maranhão. A primeira indústria do município foi construída em 1892 e chamava-se Companhia Manufatureira e Agrícola, de propriedade de Emílio Lisboa, um dos diretores da fábrica, genro do proprietário era o Sr. João Ribeiro, que em 1908 levava para Codó o Sr. Sebastião Archer da Silva que fora para trabalhar como escriturário e anos mais tarde se tornaria o proprietário da fábrica e uns dos principais políticos do estado do Maranhão.

Na década de 1900, Codó foi visitada pelo ilustre presidente Afonso Pena. Chegou a bordo do vapor São Salvador, viajando com destino a Caxias, durante sua estada no Norte do Brasil. Reteve-se, para conhecer, pessoalmente no Maranhão, às más condições de navegação do Rio Itapecuru até a cidade de Caxias.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Urubu, pela Resolução Régia de 19/04/1833, Sede na vila de Urubu. Distrito criado com a denominação de Urubu, pela lei provincial nº 13, de 08/05/1835. Pela lei provincial nº 68, de 21/07/1838, transfere a sede da povoação de Urubu para a de Codó.

Codó tem como principal característica arquitetônica seus casarões e armazéns antigos, tendo sua prefeitura (1896), ofício do registro civil (1910) e estação ferroviária (1920) no centro da cidade como destaque. Com um centro comercial

continuo e de grande expressão, tendo na segunda-feira seu ápice, as ruas ao redor do mercado central ficam tomadas por barracas e ambulantes, atraindo pessoas de cidades vizinhas como Coroatá, Timbiras etc.

Situada em uma região agrícola o município de Codó com 6 mil habitantes na virada do século, foi a segunda cidade do leste a possuir um Jornal. (PAXECO, 1998, p.199).

A gazeta de Codó, de 1892 tinha periodicidade mensal era propriedade de Alcebíades D'Aguiar Silva. No século XIX, Codó foi elevada a município em 1896, integrou o parque industrial maranhenses empregando junto com Caxias, 1.490 empregados (PAXECO. 1998, p. 62)

Nesta perspectiva, visamos construir um estudo sobre as relações sociais, tomando como referência os estudos da história, ou ainda, percebendo as relações sociais entre senhores e escravos, os comportamentos e as culturas que se estabeleciam por intermédio da análise dos textos jornalísticos, especialmente a através dos anúncios comerciais de compra e venda, aluguel e fugas de escravos.

A observação no microscópio de um fato permite fazer novas perguntas que ampliem a nossa compreensão da realidade e que aumente nossos procedimentos cognitivos. Não é uma recusa das grandes narrativas, mas tem o mérito de corrigir as suas simplificações e modificar as suas perspectivas e conceptualizações. Além disso, pela consciência que deve ser declarada e elaborada como parte fundamental do trabalho do historiador, segundo a qual a história escrita nos documentos é sempre parcial e lacunar, além de ser, de muitos modos, falsa (MOREIRA, 2016, p. 28)

Primeiramente, buscamos destacar através dos anúncios como se deu a comercialização de escravos através dos anúncios de compra, venda e aluguel dos cativos, apontando como o escravo era visto pelos seus senhores e, de que forma eram propagadas suas imagens como forma de interesses, seja em âmbito econômico ou por vezes até solidário ou gratidão.

Posteriormente, fizemos uma análise das fugas dos cativos, o que os motivavam e como eram propagados nos anúncios e entendermos que força relativa exercia essas fugas nas relações sociais e econômicas.

Em seguida, abordamos como era realizado o comércio escravista nos anúncios do jornal e quais suas perspectivas em suas particularidades e detalhes. Tanto de cunho político, social e econômico. Buscamos, assim, uma compreensão acerca das relações sociais, econômicas e as diversas formas de escravidão encontradas e analisadas dentro da historiografia nos anúncios de jornais na metade do século XIX.

Analisando através dos anúncios do jornal sob os aspectos: econômico, social e cultural e, ainda, as relações de poder exercida entre o dominador (senhor) dominado (escravo), onde o negro era considerado uma mercadoria da qual seu proprietário fazia o uso que desejasse: a mão de obra escrava podia ser vendida ou alugada, um verdadeiro comércio escravista. Neste sentido Geertz afirma que,

A maior atenção que a antropologia, ou pelo menos alguns setores da antropologia, passou a dar às estruturas do significado em cujos termos individuais e grupos de indivíduos vivem suas vidas, e, mais especificamente, os símbolos e sistemas de símbolos através dos quais essas estruturas são elaboradas, comunicadas, impostas, compartilhadas, modificadas e reproduzidas, promete ser tão útil para a análise comparativa do direito, como o é para o estudo de mitos, rituais, ideologia, arte, ou sistemas classificatórios, campos onde sua aplicação já vem sendo testada (GEERTZ, 1997, p. 272).

GEERTZ afirma em fazermos uma análise comparativa das informações das fontes estudadas para assim darmos as significações dos objetos desejado.

Nesta direção, nossa pesquisa teve por objetivo analisar os anúncios de escravos, relativos à compra, venda, fuga e aluguel, contidos no *Jornal Publicador Maranhense*, especificamente no ano de 1842 (século XIX). Este recorte temporal se deu em virtude dos anúncios do jornal em 1842 a 1885, terem um padrão em suas

edições, não é difícil encontrar anúncios que falam de sinais de castigo, marcas, mutilações. E através destes, compreender como se deu essas relações e como eram formadas. Portanto, por esse motivo a escolha de analisar um jornal com um olhar mais criterioso, ou seja, uma análise, tendo em vista a compreensão do todo, pois vários jornais da época faziam uso dos anúncios de escravos.

Através dos anúncios buscar entender as relações de poder exercida pela elite senhorial e compreender como se deu a comercialização de escravos nos anúncios de jornais e, como eram vistos os cativos por seus donos através dos enunciados de compras, vendas e aluguel e as diversas formas de escravidão existentes nestas relações. Nos textos jornalísticos pudemos analisar como os senhores descreviam as qualidades e os defeitos dos escravos, de acordo com seus interesses. No sentido da venda, os elogios e as qualidades citados, mostrando um certo apego, e no quesito fuga as características negativas demonstrando seus maus tratos, portanto, evidencia-se as concepções da elite para com seus cativos.

Nos anúncios de compras, vendas e aluguéis de escravos percebe-se como a população cativa se fazia presente e necessária na configuração e manutenção da sociedade à época, foi mais do que uma questão social, ou de distinção, foi a base de sustentação desta mesma sociedade onde a economia maranhense era praticamente agrário-exportadora, baseava-se na cultura do algodão e do arroz, porém, esta em menor escala e, já no século XIX, na lavoura canavieira. Contudo, todas elas eram sustentadas pela força do trabalho escravo. Onde os cativos eram base de sustentação das elites com sua mão de obra nos vários aspectos da lavoura a serviços do lar. Com a pesquisa se percebe ao longo dos anúncios que o escravo se certa forma não aceitava as condições impostas, motivos esses que os levavam à fuga e muitas vezes resistência físicas. Em seus estudos Freyre destaca que,

À utilização de anúncios para reconstrução e avaliações sociais, no Brasil, constitui a aplica-la a sucessivas faces do desenvolvimento quer social, quer cultural, do nosso País, com resultados dos quais pode-se dizer tem constituído a invenção, por brasileiro, de uma anunciologia na insignificante (FREYRE, 2012, p. 10)

Na terceira seção estava reservada mais para continuação dos debates das leis iniciadas na assembleia provincial e ditais com informações das assembleias da província.



Foto 11 - Fonte: PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 0030, p. 3)

Como podemos ver a distribuição dos exemplares do *Acervo Digital da Biblioteca Nacional Digital* – BNDigital, na parte da hemeroteca digital estão os periódicos dos jornais descritos por nome de jornal e ano a qual esse tem suas distribuições em edições e seções. A biblioteca Nacional Digital – BNDigital, é um sistema aberto interconectado, e ao mesmo tempo voltado da memória documental Brasileira, lançada oficialmente em 2006, onde está internamente constituída por três regimentos, capturas e armazenamento de acervos digitais, tendo como missão preservar a memória cultural e proporcionar o amplo acesso as informações contidas em seu acervo.

No Jornal Publicador Maranhense no ano de 1842, encontramos 46 edições do jornal cada uma contendo 4 seções dentre elas 25 anúncios de compra, venda e aluguel, distribuídos entre os gêneros masculinos e femininos e 05 anúncios de fugas distribuídos na sequencias demonstrada a seguir conforme tabela. E para entendermos o contexto social e estrutural da época iremos utilizar a tabela da estatística populacional de 1842 que era utilizada como base na própria província por meio da typographia utilizada na época as informações populacionais estavam expostas na edição 00036, na seção 2/4 na coluna de VARIEDADE como será descrita a seguir:

Tabela 1 – Quantidade de Anúncios de escravos pesquisados

Jornal Pesquisado	ANO	Anúncios de fuga	Anúncios compra/venda/aluguel
Publicador Maranhense	1842	05	25

Fontes: *Jornal Publicador Maranhense* (1842).

A análise documental foi realizada por meio de transcrição dos anúncios, e elaboração de fichas explicativas dos dados para compreensão dos dados analisados.

Tabela 2 – estatística populacional da União no fim de 1840.

Sexo masculino (brancos)	7.249.266
Sexo feminino (brancos)	6.939.812
Sexo masculino (de côr livres)	186.467
Sexo feminino (de côr livres)	199.778
Sexo masculino (escravo)	1.246.408
Sexo feminino (escravo)	1.240.805
Total geral da população	17.072.566

Fontes: Jornal Publicador Maranhense (1842).

Dentre estes números contam-se 6.685 surdos mudo, 5.030 cegos, 14.521 doídos, 3.719.951 indivíduos do sexo masculino empregados nos trabalhos da agricultura, 791.719 obreiros das manufaturas, 65.255 indivíduos de profissões liberais, 20.798 pensionistas militares para um exército de 8.000 homens, 2.213.436 alunos das escolas privadas.

Nesta direção, Freyre registra que, vê-se através dos velhos anúncios de 1825, 1830, 40, 50, a definida preferência pelos negros e negras altas e forma atraentes - “bonitas de cara e de corpo” e “com todos os dentes da frente”. O que mostra ter havido eugênica e estética de pageus, mucamas e molecas para o serviço doméstico – as negras mais em contato com os brancos das casas-grandes, as mães dos mulatinhos criados em casa – muitos deles futuros doutores, bacharéis e até padres (FREYRE, 2003, p. 397)

Com as informações da população da época podemos perceber as proximidades da população por gênero e raça. Mas, mesmo assim, analisando os anúncios do jornal foi notado que a preferência pelo gênero feminino tem se destacado pelo fato específico da “mulher escrava” além de realizarem todas as atividades domésticas, tinha o a possibilidade, na comercialização, servir como ama de leite, como bem descreve SCHWARCZ.

Assim a violência era comum, numa sociedade existam, porém, gradações visíveis. Enquanto escravos de oito eram muitos, submetidos a jornadas mais sacrificadas, regimes de trabalho e de controle mais estritos, os outros gêneros cotidiano. Nos grandes engenhos, os escravos rurais mais podiam chegar a cem ou mais, razão por que seu senhor praticamente não os conhecia já os domésticos, menos numerosos, conviviam com a família nuclear,

desempenhando funções de cozinhas, babás, pajens, amas de leite – era uma criadagem que acompanhava os senhores no seu dia – a – dia (SCHWARCZ, 2015, p. 19)

A comercialização dos cativos era feita através dos anúncios nos jornais, e essa compra, venda e aluguel dos escravos poderia ser de sujeitos idosos, jovens ou até mesmo de crianças, o jornal majoritariamente se dedicava aos termos políticos e econômicos da sociedade da época, percebe-se através da simbologias que conferia poderes aos senhores dos escravos visando sempre a manutenção da economia agrícola para concentração fundiária restruturada como uma europeu capitalista pela exploração do trabalho escravo.

2 OS ANÚNCIOS DE COMPRA, VENDA E ALUGUEL DE CATIVOS

Nas Edições e Seções analisadas do Jornal O Publicador Maranhense no ano de 1842, foram encontrados vários anúncios de compra, venda e aluguel, que traziam variadas publicações sobre a comercialização de escravos na capital da Província do Maranhão durante a segunda metade do século XIX. A partir desses anúncios pudemos perceber alguns aspectos positivos quanto às características físicas e qualidades servis, adotando assim uma estratégia para facilitar a venda e o aluguel dos cativos.

Outra característica necessária para o desenvolvimento da pesquisa se deu em delimitar um período dentro do espaço, pois se percebeu que o jornal o publicador maranhense seguia uma linhagem padrão onde o jornal inicia-se em em 1842 a 1885, somando ao todo 153 edições, seguindo o mesmo padrão de sessões. Por esse motivo se deu a necessidade de se fazer um recorte, ficamos com o ano de 1842, a qual tivemos o cuidado de fazer análise intrínseca desses periódicos somando 46 edições distribuídas em 4 seções.

Na transcrição dos anúncios foram mantidas a redação da época. A exemplos temos:

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 0003, p. 4)

Huma escrava, vinda do Rio de Janeiro, mulata, clara, moça e sem vícios com hum filho de dois mezes, vende-se em caza de Manuel Antonio de Carvalho e Oliveira Sobrinho – Maranhão 11 de julho de 1842.

Nota-se a significação da região de onde vinham os escravos pelas evidencias dos registros dos locais de origens, dando valor as qualidades, a cor da pele, nota-se ausente as faixas etárias exatas e idade, significa que está cativa não possuía algum tipo de registro de nascimento ou religioso.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 0007, p. 4)

Huma escrava, vinda do Rio de Janeiro, mulata, clara, moça e sem vícios com hum filho de dois mezes, vende-se em caza de Manuel

Antonio de Carvalho e Oliveira Sobrinho – Maranhão 11 de julho de 1842.

Os anúncios as vezes repetiam-se em outras seções, como uma forma de estratégia de venda a ser alcançado. A exemplo, no Arquivo Público do Estado do Maranhão, Jornal Publicador Maranhense, 1842, Anno I, nº 00008, Venâncio José Lisboa. Seção: Declaração. Página, 04.

Em Casa de João da Rocha Santos tem para vender uma escrava de 22 a 24 anos de idade, sadio, e sem vicio, vindo da Granja no Patacho de S. Matheus. Maranhão. 1 de agosto de 1842.

Percebe-se um padrão de ausência de registro pela precisão de idade da escrava, sempre evidenciando suas origens.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 0009, p. 4)

Em Casa de João da Rocha Santos tem para vender um escravo de 22 a 24 anos de idade, sadio, e sem vicio, vindo da Granja no Patacho de S. Matheus. Maranhão. 1 de agosto de 1842.

Temos outro caso recorrente de ausência de registros civil ou religioso.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00010, p. 4)

João Jose da Cruz, na rua do Alecrim, número 11 tem para vender duas escravas ainda moças, e próprias para serviço de caza.

Notamos que a preferência pelo gênero feminino era mais presente, sempre de preferência mais jovens e sem filhos ou vícios.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00011, p. 4)

Vende-se hum mulato de 34 anos de idade, pouco mais ou menos, o qual natural de Maceió, donde veio, e se vende com a condição de

ficar nesta província, hé carreiro, vaqueiro, e tem princípios de ferreiro; pode ver-se no escriptorio das Snr^{aa}. Meirelles, rua da estrela n. 47.

Vejamos que o anunciante sempre buscava evidenciar as qualidades em seus escravos assim elevando-os os preços pelas qualificações exercidas e com idade não muito superior sendo próprio para o trabalho de lavouras ou do campo.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00019, p. 3)

VENDE-SE huma negra, nação carliro, não muito moça, cozinha, regular de huma caza, lava muito bem, emgoma menos ma, é sadia e muito presente para todos os serviços; que a pretender dirija-se a Rafael Francisco Lima Marques, na rua da Cruz caza n. 17.

Aqui neste anúncio temos um caso tipo de ausência de registro e de gênero designando as atividades que se designar, percebemos como se deu as relações entre senhores e escravos, pelo tipo de anúncios denotam que essas mulheres eram solicitadas para satisfazer todos os desejos de seus senhores desde as lidas da casa as relações amorosas.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00022, p. 4)

Em caza de Antonio Joze Soares Duarte, há para vender 1 escrava chegada a pouco de Pernanbuco, Tamancos Sortidos, Ditos atamancados com sapatos, rodas para carroça. 1 canoa, dicionários de Constancio, Vella de sebo em caixas de 32L, rapé de Lisboa continuo sempre a ares no deposito do contrato e chegado ultimamente no Brigue Tino.

Vejamos como se dava a comercialização nos anúncios, o escravo tido como uma mercadoria como descreve o anuncio acima, uma caracterização de negação a personalidade humanista, tratado como objetos de compra e venda.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00022, p. 4)

Huma boa ama de leite, sem filho, se aluga na rua grande caza n. 61

Aqui temos um caso típico de ama de leite de aluguel, percebe que no próprio anúncio que a escrava submetida como ama de leite dos filhos dos senhores. Nos anúncios não eram relatadas a finalidade dos filhos das amas de leite, servido aqui de uma nova perspectiva de pesquisa. É exatamente neste ponto da história que temos de ter o cuidado e perceber as ausências de informações que serve de aporte necessário para construção do conhecimento sobre sociedade e cultura dentro da historiografia.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00024, p. 4)

Aluga-se huma ama de leite sem filho, quem a precisar procura nesta typographia.

Caso de ama de leite eram comuns, percebe-se que o anunciante não que de forma alguma se desfazer de suas escravas nos ofícios de ama de leite pois sempre aparecem em forma de aluguel, sendo uma atividade a ser ofertada.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00025, p. 4)

Vendem-se dois escravos optionus para o serviço: um crioulo de idade de 25 annos, que além do serviço de roça é um bom vaqueiro, carreiro, nação & te...o outro de Bomgo, de idade de 18 à 20 annos, além do serviço de roca é remeiro e vareiro: ambos sem defeito, ou lesão alguma, e de bonita figuras. Quem a pretender comprar, ambos, ou separados dirija-se a caza de Manoel Antonio Rodrigues Valle, onde lhes serão apresentados. Maranhão 30 de setembro de 1842.

Os anúncios vão nos dando rastro da cultura e das relações sociais, quando o anunciante transparece com orgulho a origem do escravo de Bomgo, dando pistas

microscópicas das raças nos possibilitando-nos a compreender como se deu os processos de miscigenação.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00028, p. 4)

Deseja-se comprar uma escrava de idade pouco mais ou menos de 14 a 18 annos própria para serviço de caza, ou para qualquer coiza que se lhe queira ensinar, quem a tiver, e queira vender dirija-se nesta Typographia.

A oferta do gênero feminino associado as tarefas diversas nos abri o leque da formação da sociedade e da importância do negro ou do escravo no processo de formação da sociedade.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00028, p. 4)

Aluga-se hum escravo ladino de 18 a 25 annos de idade para serviço moderado, quem tiver dirija-se, a esta Typographia que se lhe dirá quem dele preciso.

Percebe-se nesse anuncio um certo cuidado de seu anunciante em destinar seu escravo a lida de trabalho em serviço moderado, nos permitindo compreender que muitas vezes as relações exercidas entre escravos e senhores eram por vezes de confiança e gratidão seja por bons serviços prestados ou laços de confiança.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00028, p. 4)

Aluga-se huma ama de leite sem filhos, que a precisar procure nesta Typographia.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00030, p. 3)

Luis Carlos Pereira de Castro tem para vender uma escrava com 18 annos de idade principio de custureira e lavagem, muito esperta, de bonita figura, sadia, e excelente para serviço de caza; quem quiser comprar dirija-se ao anunciante.

Veja que os escravos eram submetidos as profissões para manutenção da economia da província. Sendo um agente decisivo na economia colonial.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00030, p. 4)

Antonio Francisco Lisboa morador na rua do cruzeiro de Santo Antonio, caza n. 24. Compra um moleque de 8 a 12 annos de idade; e vende uma escrava, moça; e um terreno de canto com 6 braças de frente, e 15 de fundo, eito a rua do passeio. 26 de outubro de 1842.

Neste anuncio nota-se a preferência pela compra de um escravo menor de idade.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00034, p. 3)

Antonio Francisco Lopes morador na rua do cruzeiro de Santo Antonio, caza n. 24. Compra um moleque de 8 a 12 annos.

Alguns anúncios se repetiam como estratégias para efetivação da compra ou venda.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00043 e 00044, p. 4)

Na rua do Giz n. 12, Manoel Antonio dos Santos Leal, tem para vender huma escrava preta de boa figura, com leite, sem cria, que entende de costura, gomar, lavar e mais serviço doméstico.

Antonio Francisco Lisboa morador na rua cruzeiro de S. Antonio caza n. 24 vende um mulato de 23 annos de idade e compra um moleque que tenha de 10 a 16 annos.

Hum moleque crioulo, de 16 a 18 annos de idade e sadio, em caza de João Rocha Santos tem para vender. Maranhão. 16 de dezembro de 1842.

Fica evidente nesta seção de anúncios de vendas e compras as qualificações e preferencias pelos escravos por idade, gênero e profissões. Por esses anúncios podemos fazer uma serie de inferências sobre como se dava essas relações de compra, venda e aluguel, onde os cativos mantiveram a economia ao longo do século XIX. Segundo Freyre,

São os anúncios de escravos à venda sociologicamente interessantes pelo que sugerem das atividades dos anunciantes brasileiros de culturas e da etnia dominantes para com os valores físicos econômico, culturais representados por indivíduos de cultura e da etnia dominada relações que não deixavam de implicar avaliações de qualidades de corpo e de comportamento de indivíduos servis pelos senhores (FREYRE, 2012, p. 34).

Podemos também mencionar as atribuições aos cativos ofertados, desde os serviços domésticos até as lidas do campo, Às mulheres eram atribuídas as funções domésticas e culinárias, além de serem amas de leite; já o os homens, cabia os serviços diversos, entre eles veremos algumas profissões como: sapateiros, carpinteiros, pedreiros, ferreiros, vaqueiros entre outras atividades diversas relacionadas ao campo e a lavoura, a esses cativos com profissões os seus valores comerciais eram mais valorizados devidos os serviços profissionais ofertados, como podemos ver em alguns anúncios aqui analisados, como seus senhores faziam referências e menções as suas qualidades. Podemos destacar as qualidades expressas dos cativos expostas pelos seus senhores como uma forma de estratégias para melhor aquisição de vendas.

As cartas de alforria surpreenderam por sua riqueza de informações. Elas não só traziam dados sobre o escravo, como em sua maioria, os

senhores sentiam-se na obrigação de justificar as liberdades concedidas, seja pelos bons serviços prestados, remuneração recebida dos cativo ou de terceiros, amor de criação por serem filhos dos próprios senhores etc. (MOREIRA, 1996, p. 13)

Como bem aponta MOREIRA, 1996, em sua observação microscópica das informações coletadas de cartas de alforria, nos possibilitar instigar os detalhes minuciosos de forma deixadas pelos sinais deixados nas fontes coletadas que no nosso caso são as fontes historiográficas de anúncios de jornais, uma vez que devemos e buscar nas entrelinhas dos anúncios as informações para uma formulação das possíveis relações sociais estabelecidas à época, ou seja, trata-se “*de procurar penetrar no cotidiano dos agentes sociais, retirando destas documentações informações microscópicas, ilustrativas de valores e significados dos mesmos*” (MOREIRA, 1996, p. 13)

Pudemos perceber com as fontes historiográficas analisadas que a escravidão nunca foi aceita de forma passiva pelos cativos, onde percebemos essas forças de resistências nos anúncios de fugas onde percebemos os vestígios de mãos tratos apresentados nos próprios anúncios em seus sinais. Por outro lado, percebemos, também, que muitas vezes essas fugas se davam como forma de resistência e por vezes para manutenção de sua própria existência. Com isso os cativos foram construindo suas liberdades mesmo que não pacificamente, notasse que os proprietários em instabilidades recorriam ao governo de província em busca de apoio. Nesse sentido, começa a emergir uma instabilidade social que se instaurava à época.

3 ANÚNCIOS DE ESCRAVOS FUGIDOS

Diante os anúncios de negros fugidos, observar as marcas e os sinais de mãos tratos deixados pelos seus donos ou ex-donos, como deformações por excesso de trabalho, por falta de higiene, por falta de alimentação, doenças, observa-se com mais frequências essas marcas deixadas em anúncios de negros fugido, que nos deixa crer de sua resistência as péssimas condições de vida. Recorrendo quando não a fuga ao suicídio.

O que grita nesses anúncios é que os escravos fugiam do trabalho desumano, sem hora e sem pausa, e da crueldade e do sadismo dos senhores. Somando-se os seus textos, o resultado é um pesadelo que se opõe à tese gilbertiana de ter sido de certo modo benigna a escravidão no Brasil, quando comparada a outras escravidões (FREYRE, 2012, p. 8)

No quesito referente as características físicas dos cativos, estes anúncios os descreviam de tal forma que parecia ser uma “linguagem de gabinete policial de identificação, minuciosa e até brutal nas minúcias” (FREYRE, 1963, p. 85).

Podemos perceber este aspecto nestes anúncios do Jornal O Publicador maranhense em 1842.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 0001, p. 4)

A Thomazia Senhorianha de Aquino, da Vila do Sobral, fugiu uma preta crioula, de nome Gertrudes, estrutura baixa, cabeça chata, desdentada na frente, e tem signnes antigos de chicotes: quem a entregar a sua Senhora no Sobral, Leonardo Ferreira Marques na Paruabiba, ou a José Domingos de Castro & C. No Maranhão: será pago.

Pode-se perceber no anúncio da escrava fugida traços da realidade escravista, nos possibilitando analisar sobre os aspectos físicos e sociais, eram diversas os motivos e causas para a fuga, como os maus tratos, os castigos excessivos, o trabalho

compulsório, a má alimentação, dentre outros. Ou seja, não faltavam razões para a fuga de escravo. Os anúncios, muitas vezes, eram repetitivos e traziam informações dos escravos em fuga, como por exemplo: idade, aparência física, profissão, costumes, em alguns casos citavam o nome do proprietário e muitos ofereciam gratificações, iniciavam sempre na 4 seção de cada edição do jornal.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00011, p. 4)

A José Rodrigues Vidal, fugiu no mez de junho deste anno, hum preto de nome Domingos Unção Musanbique, o qual há hum tanto alto e magro, e consta que transita pelo distrito do Bacanga, quem o pegar e entregar ao anunciante morador na rua da cascata desta cidade, será recompensado de seu trabalho, Maranhão 10 de Agosto de 1842.

Observa-se que o anunciante sempre relatando suas características físicas e nesse caso percebe-se que o proprietário não faz uma imagem negativa de seu cativo, demonstrando interessado em recuperar seu cativo, seja pelos os bons serviços prestados ou por ter boas qualidades.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00034, p. 4)

Em 15 de Agosto deste anno fugiu o Manuel Duarte Godinho um negro alto, rosto cumprido com muito pouco barba, olhos grandes, com signnes nas costas de ter sido á muito tempo castigado, além disso tem no cotuvello de um braço huma cicatriz, tem as pernas arquiadas pelo que mette a ponta dos pés muito para dentro, em poder do annunciante chamava-se João; toda pessoa que o apresentar ao seu snr. Terá uma boa gratificação.

Nos anúncios e fugas, iremos encontrar os vestígios de maus tratos e degradações dos escravos, nota-se que nesta sociedade escravista a violência aparece de forma visível e sendo uma pratica comum entre os senhores de escravos.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00034, p. 4)

Domingos Feliciano Marques Perdigão, faz publico por meio, que hontem tendo sabido de sua caza na praia do Cajá antes das nove horas da noite huma africana da quelles que foram libertos pela lei; baixa de cara redonda, golpes miúdos e compridos d`ambos os lados: alguma tanto velha, e fallando pouco; não voltou mais, suposto que não he sua escrava com tudo tem direito aos serviços que ella pode prestar por isso que os arrematou perante a Autoridade competente e assignou hum termo por onde se responsabilizou por ella, por tanto com a justiça reclamará competentemente a dita, e o valor dos serviços prestados de quem a houver seduzido. Assim como agradecerá a quem lhe trouxer. Maranhão 9 de novembro de 1842.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00039, p. 4)

Fugiu da Fazenda do Dr. Manuel Monteiro de Barros, rio Itapecuru, em setembro de 1841, hum escravo de nome João com os seguintes signnes, baixo cheio de corpo, pés pequeno e bonitas feições; cujo escravo foi nesta cidade de Augusto José Vidigal, que o vendo a José Gomes Tainha e este o vendo ao Dr. Barros: quem dele souber e o entregar na Fazenda do Dr. Barros, ou nesta cidade a Boaventura Jose Rodrigues, receberá boa gratificação – Maranhão 10 de novembro de 1842.

Iremos nos deparar com anúncios de escravos fugidos com boas referências de feições de corpo, de rosto, de qualidades profissionais. Se percebe que nestes anúncios os seus senhores têm certo apreço pelos seus escravos, partido de aporte podemos fazer ênfase as relações de senhor e escravo em uma perspectiva positiva.

Percebe-se a liberdade mascarada que pontua (MOREIRA, 1996), escrava na condição de liberta mais em dividas por seus serviços prestado.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00035 e 00039, p. 4)

A José Nunes Ferreira da Villa de Codó; fugio em 25 de Abril p.p hum escravo de nome Antonio, nação cabinda, e de 30 annos pouco mais ou menos, estatura alta e corpulento, e tem os seguintes signaes: a pontas das orelhas cortadas pela parte de cima, rosto redondo quaze nehuma barba, hum pouco fulha, alguma couza goge, e com bastantes mascas de rêlho nas costas e nas nádegas, pernas grossas, pés grandes e largos, e tem huma junta de um pé grossa. Qualquer pessoa que o pegar poderá entregar em Maranhão ao Sr. Manoel Joaquim da Silva, em Caxias ao Sr. Alferes Manoel Bonventura Roiz, em Piauhy ao snr. Tenente Joaquim dos Santos Rebello, e nas mattas do Jatubá ao snr. Clemente Joaquim da Silva, e além da paga de costume, terá uma huma gratificação. Maranhão 16 de Novembro de 1842.

A violência estava de maneira explicita nos anúncios, os motivos das fugas em seus anúncios, podemos perceber o que ocasionou muitas vezes a fuga ou recorrerem ao suicídio como uma forma de demonstrar que os senhores não tinham posse absoluta sobre seus escravos, causando assim um desequilíbrio na base escravista.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00035, p. 4)

A Antonio d`Almeida Soares Oliveira, da Villa do Codó, fugio em 26 de Agosto p.p hum escravo de nome Polinario, official de sapateiro, crioulo, cabra claro, idade 30 annos, de mediana estatura, grosso, espadaúdo, cabeça redonda, rosto comprido, queixos finos, pouca barba, dentes podres, tem um talho entre as orelhas, tem um olho, e uma cicatriz de fereida nas costas das mãos, pés inclinados para dentro, e o direito mais, dedos abertos para dentro. Quem delle tiver noticia o entregará em Maranhão no snr. Manoel Joaquim Lopes da Silva em Caxias ao Sr. Alfredes Manoel Bonventura Roi, em Piauhy ao snr. Tenent Joaquim dos Santos Rebello, e nas Mattas do Jatubá ao snr. Clemente Joaquim da Silva, e além da paga de costume, terá uma huma gratificação. Maranhão 16 de Novembro de 1842.

As evidências de feridas pelo corpo e dentes podres pode nos indicar as péssimas condições de alimentação, higiene e moradia desumana.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00036 e 00039, p. 4)

A Raimundo Honório Bayma do Lago do Itapecurú, fugio no dia 13 de Outubro p.p e se dirigio para está cidade, o seu escravo Bento, mulato escuro, alfaiate, pouca barba, fraca figura, dentes alvos, e huma cicatriz em uma das costas das mãos; levou calça de sorjão preto, e camiza de paninho. O dito escravo, veio do Ceará a 10 annos, esteve nesta cidade muitos, e hoje terá de 24 de idade, e foi de Joaquim Zeferino Rodrigues Bayma. Quem o pegar e entregar nesta, a Manoel Gonçalves Ferreira Nunes ou seu senhor, na sua fazenda, receberá boa paga – Maranhão 8 de novembro de 1842.

Pela caracterização do escravo sendo fraca figura, demonstra a má alimentação desse escravo, e as marcas apresentadas dos castigos e punições demonstram os maus tratos, são esses detalhes de informações que nos permite compreender as relações sociais existente nos anúncios de jornais.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00036, p. 4)

A Cezar Augusto Sudre Vidigal fugio hum moleque de nome Antonio com os signaes idade de 7 a 8 annos preta cabeça comprida e raspada bastante signaes de bexigas boca grande bessudo e barrigudo pés cheios de bichos levou vestido huma calça de riscado azul e bastante branca e suja quem o pegar e levar ao annunciante ganhará uma gratificação.

(PUBLICADOR MARANHENSE, 1842, Anno I, n. 00041, p. 4)

Fugio em Julho de 1841 de caza de José Domingos de Castro & C. desta cidade, hum preto escravo so major José Gomes d'Araújo; do Parahyba, o qual o chama se Egino, he crioulo, terá 30 annos, de

idade he de estatura regular, porem reforçado, e de coe fula tem pelos peitos e costas algumas marcas ou vagões mui empolados e salientes, que parece ter sido feitos com ferro. Quem o pegar e entregar nesta cidade aos annunciantes, ou na Parnahyba a seu senhor, será bem recompensado do seu trabalho. Maranhão 5 de Dezembro de 1842.

Como apontou Lilia Schwarcz (1987), muitas vezes iremos nos deter naquilo que os senhores representavam de seus cativos, e como eles os viam, e boa parte de nossas informações sobre essas fugas estão configuradas como imagens dos cativos, construídas através dos senhores.

Diante os expostos analisados em sua ortografia original, percebemos os sinais dos maus tratos e as condições de vidas precárias a esses cativos que recorriam a fugas. Nesse sentido, podemos fazer uma análise mais sucinta dessas relações entre senhores e cativos diante as fugas, pois nos possibilita a interpretação dos lados, a dos senhores em descreverem a imagem de seus cativos nos chamando atenção nas fissuras e brechas dos discursos dos senhores aonde não quiseram relatar todas as faces mais acabaram escapando-os, possibilitando através dos anúncios compreendermos como se organizavam seus mundos. Thompson observa que, ao alterar a compreensão do lugar e do passado. Os desenvolvimentos dos meios de comunicação modificam o sentido de pertencimento dos indivíduos, isto é, a compreensão dos grupos e das comunidades a que eles sentem pertencer. Esta compreensão, porém, até certo ponto, de um sentimento partilhado de uma história de um lugar comuns, de uma trajetória, comum no tempo e no espaço. Mas à medida que nossa compreensão do passado se torna cada vez mis dependente da mediação das formas simbólicas, e a nossa compreensão do mundo e do lugar que ocupamos nele vai se alimentando o produto da mídia, de mesmo modo a nossa compreensão dos grupos e comunidades com que compartilhamos distribuição do jornal por seções e edições

A comercialização dos cativos era feita através dos anúncios nos jornais, e essa compra, venda e aluguel dos escravos poderia ser de sujeitos idosos, jovens ou até mesmo de crianças, o jornal majoritariamente se dedicava aos termos políticos e

econômicos da sociedade da época, percebe-se através da simbologias que conferia poderes aos senhores dos escravos visando sempre a manutenção da economia agrícola para concentração fundiária restruturada como uma europeu capitalista pela exploração do trabalho escravo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos anúncios do Jornal O Publicador Maranhense em 1842, pudemos nos debruçar sobre um conjunto de informações que foram fundamentais para nos guiar na reconstrução do passado escravista do nosso país e, especialmente do Maranhão.

A análise nos permitiu compreender diversas formas de relações sociais que se construíram à época. Os anúncios analisados permitiram conhecer, de forma mais minuciosa, as relações sociais, ou ainda, como elas foram exercidas de modo opressivo, solidário, de interesses políticos e econômicos. Permitindo-nos fazer uma análise sobre como as relações eram exercidas entre senhores e cativos pelos traços deixados pela imprensa jornalística.

Assim, nos permitiremos através do estudo da história dos anúncios perceber e compreender como eram exercidas essas relações e como elas eram transmitidas, dessa forma passamo-nos assim nos possibilitar percorrer um mundo desabitado, ou seja, um novo caminho, uma nova perspectiva, um novo olhar, a qual significara grandes mudanças nas compreensões das relações do passado e desconstruir a ideia de somente servidão, submissão e opressão, mais perceber através dos registros historiográficos, das falas os por menores que indicam outros fatores relacionados a construção das relações sociais no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREYRE, Gilberto. (2012). O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX. Global Editora (Edição Digital).

FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala. 48ª Edição. São Paulo, Global Editora, 2003.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interativa/Clifford Geertz; tradução de Vera Mello Joscelyne – petropolis, RJ:Vozes, 1997.

GOMES, Flávio dos Santos. Jogando a rede, revendo malhas: fugas e fugitivos no Brasil escravista. Revista Tempo, Rio de Janeiro, V. 1, 1996. p 67-93. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg1-5.pdf Acesso em 20.12.17.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Enciclopédia dos municípios brasileiros, XV Volume, Rio de Janeiro 1959.

KARSBURG, Alexandre Vendrame; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Ensaios de micro-história: trajetória e imigração. / Organizadores: Maíra Ines – São Leopoldo: Oikos; Editora Uniinos, 2016.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Faces da liberdade, máscaras do cativo: experiências de liberdade e escravidão, percebidas através das Cartas de Alforria: Porto Alegre, 1858-1888. EDIPUCRS, 1996.

OLIVEIRA, João Pacheco de. UMA ETNOLOGIA DO ``ÍNDIOS MISTURADOS``? SITUAÇÃO COLONIAL, TERRITORIALIZAÇÃO E FLUXOS CULTURAIS. MANA [ONLINE]. 1998, VOL.4, N. 1, PP.47-77.ISSN 0104-9313.HTTP://DX.DOI.ORG/10.1590/S0104-9313199800100003.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: a resistência negra no BRASIL escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Brasil: uma biografia: com novo pós-escrito*. Editora Companhia das Letras, 2015.

SERRA, JOAQUIM. *SESSENTA ANOS DE JORNALISMO: A IMPRESSA NO MARANHÃO*. SÃO PAULO: SICILIANO, 2001. IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: *ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, XV VOLUME, RIO DE JANEIRO 1959*.

ANEXO

Nome do jornal:	PUBLICADOR MARANHENSE				
Data	__/__/__	Ano:	Nº	Periodicidade:	1842
Local de guarda do acervo	BLIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL BRASIL				
Editores:	VENÂNCIO JOSÉ LISBOA 25-01-42/23-1-43				
Descrição do estado de conservação					
Página 1 – nº de seções:	1/4				
Títulos		Assuntos (se literário, colocar em negrito)		Autor da seção	
Página 2 – nº de seções:					
Títulos		Assuntos (se literário, colocar em negrito)		Autor da seção	
Página 3 – nº de seções:					
Títulos		Assuntos (se literário, colocar em negrito)		Autor da seção	
Página 4 – nº de seções:					
Títulos		Assuntos (se literário, colocar em negrito)		Autor da seção	

Fonte: Tabela do Grupo de Estudos e de Pesquisa Literatura, História e imprensa – GEPELHI, Coordenadora profa. Dra. Cristiane Tolomei, UFMA/Bacabal.